

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A REDUÇÃO DO BULLYING NAS ESCOLAS

PEDAGOGICAL PRACTICES TO REDUCE BULLYING IN SCHOOLS

Thaynara Ferreira Santos
fthaynara880@gmail.com
Instituto Federal Goiano

Tatiana Guimarães Sampaio

RESUMO

O bullying é um problema que atinge instituições de ensino em todo o mundo, envolvendo alunos de ambos os sexos, de classes sociais e culturas diferenciadas. O problema é que o bullying não envolve apenas situações de violência, o que já seria grave, mas é algo que age sobre a autoestima, aprendizagem e até mesmo desenvolvimento do aluno, afetando suas rotinas dentro e fora do espaço escolar e por isto precisa ser tratado como um problema coletivo e não apenas daqueles que sofrem essa violência. Diante desse contexto surgiu o interesse pelo tema de pesquisa que busca compreender de que forma o professor pode desenvolver práticas pedagógicas que auxiliam no combate a esse problema, sendo este o objetivo da pesquisa. A metodologia utilizada na pesquisa foi à revisão bibliográfica com base em autores como Souza, Santos e Novaes (2019), Passamani e Galuch (2016), Velleda (2017), dentre outros autores que discutem essa problemática e que permitem não apenas compreender melhor esse problema, mas como é possível combatê-lo de forma coletiva. Pode-se citar como resultados da pesquisa que as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola podem corroborar tanto para que o bullying continue, como também, para que esse problema seja combatido e assim precisam ser desenvolvidas de forma a incentivar o respeito, tolerância, a construção de um espaço democrático, de relações interpessoais saudáveis, lutando contra as diversas formas de preconceito e violência, buscando ainda o apoio familiar no combate a esse problema, agindo não apenas diante daqueles que sofrem o bullying, mas dos que o praticam e até mesmo daqueles que apenas são telespectadoras dessas situações, já que todos sofrem consequências desse processo.

Palavras-chave: Bullying. Professor. Respeito. Práticas pedagógicas. Escola.

ABSTRACT

Bullying is a problem that affects educational institutions all over the world, involving students of both sexes, from different social classes and cultures. The problem is that bullying does not only involve situations of violence, which would already be serious, but it is something that acts on the student's self-esteem, learning and even development, affecting their routines inside and outside the school space and therefore needs to be addressed. treated as a collective problem and not just for those who suffer this violence. Given this context, interest in the research topic arose, which seeks to understand how the teacher can develop pedagogical practices that help combat this problem, which is the objective of the research. The methodology used in the research was a bibliographical review based on authors such as Souza, Santos and Novaes (2019), Passamani and Galuch (2016), Velleda (2017), among other authors who discuss this problem and that allow not only to better understand this problem, but how it is possible to combat it collectively. It can

be mentioned as results of the research that the pedagogical practices developed at school can corroborate both for bullying to continue, as well as for this problem to be fought and thus need to be developed in order to encourage respect, tolerance, construction of a democratic space, of healthy interpersonal relationships, fighting against the various forms of prejudice and violence, seeking family support in the fight against this problem, acting not only before those who suffer bullying, but those who practice it and even those who they are only spectators of these situations, since everyone suffers consequences of this process.

Keywords: Bullying. Teacher. Respect. Pedagogical practices. School.

1. INTRODUÇÃO

O bullying é um termo que tem sido cada vez mais conhecido pela sociedade, principalmente por noticiários que relatam vários casos de violência ou até mesmo de suicídios envolvendo estudantes que eram alvo de diferentes tipos de violência por parte de seus colegas (física e psicológica). É um tipo de situação, porém, que sempre existiu nas instituições de ensino, mas que acabou velada, pois muitas das situações de violência se passavam por brincadeiras e assim acabavam sendo aceitas como se não produzissem nenhum tipo de mal para o aluno.

Atualmente, utiliza-se o termo “bullying”, é utilizado para referir-se as diferentes formas de violência que um aluno sofre no espaço escolar, sendo uma violência contínua. Suas consequências ficam cada vez mais evidentes, tanto para o agredido como para o agressor e ainda para aqueles que são expectadores desse tipo de situação. Muitos alunos deixam a escola, outros sofrem traumas que carregam por toda sua vida e há aqueles que chegam a tirar suas vidas, quando já não suportam mais as situações de violência. De acordo com Sousa, Santos e Novaes (2019), esse é um problema que atinge, praticamente todas as instituições, e maior ou menor grau.

A escolha desse tema, partiu de uma experiência durante minha vida acadêmica, onde acatou um péssimo desempenho acadêmico, contando com baixo desempenho causando sérios problemas emocionais. Por isto este tema torna-se importante social e pessoalmente, pois através dele, podemos ajudar muitos alunos que passam por esta situação, e muitas vezes não tem a quem recorrer e procurar ajuda.

A pesquisa busca responder questões como: o que caracteriza o bullying? Quais são as consequências dessa prática para alunos, professores e para a educação como um todo? Como a prática pedagógica adotada pode auxiliar na redução do bullying nas instituições de ensino?

Objetiva-se assim discutir como as práticas pedagógicas podem auxiliar na redução das práticas de bullying na escola. E para isto pretende-se discutir e caracterizar o que é o bullying; compreender as consequências do bullying para agressor, agredidos e para terceiros (aqueles que não estão envolvidos, porém, que assistem as práticas de violência) e ainda analisar de que forma as práticas pedagógicas desenvolvidas podem influenciar os alunos a ponto de reduzir as práticas de bullying na escola.

A escolha do tema a “bullying” ocorreu porque é uma questão que demonstra-se, constantemente presente nas instituições de ensino e por isto, sempre divulgada em redes sociais ou na imprensa, quando acaba desembocando em morte. Por isto, é preciso discutir a questão, já que ela não afeta apenas os agredidos, mas os agressores e aqueles que vivenciam, mesmo que indiretamente essa violência no cotidiano escolar.

Quando se discute o bullying e busca-se analisar possíveis soluções para o mesmo, abre-se a possibilidade de maior conscientização em torno da questão, onde a escola e a família precisam trabalhar de forma conjunta para ensinar crianças e jovens a importância do respeito às diferenças. É preciso lembrar assim que o bullying é gerado por diversas situações, onde um aluno por considerar-se como superior ao outro acaba desenvolvendo uma violência física ou psicológica com o outro aluno, isto porque ele possui algum tipo de característica que o torna alvo desse tipo de violência.

É uma discussão importante porque não interessa apenas as instituições de ensino, mas a toda sociedade, já que sua prática gera dificuldade de aprendizagem, evasão e fracasso escolar, estimula a violência e muitas vezes é responsável pela morte de crianças e jovens, sejam daqueles que praticam o bullying ou dos que são alvo desse processo. Muitas vezes ele passa despercebido pelos educadores, gerando graves consequências para os agressores e especialmente para aqueles que são agredidos. Essa situação-problema demonstra a importância do trabalho diante dessa questão.

A pesquisa é tipo qualitativa, esta que é definida por Gerhardt e Silveira (2009), como aquela cuja preocupação não é com representatividade numérica, mas como o aprofundamento da compreensão de uma organização ou grupo social. Assim, será possível abordar a visão dos professores sobre como é possível trabalhar pedagogicamente a questão do bullying, de maneira a diminuir sua incidência dentro das instituições de ensino. Assim sendo,

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32).

A natureza do trabalho é do tipo básica, onde de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) tem como objetivo gerar novos conhecimentos que sejam úteis para a ciência e direciona-se a busca de soluções para problemas específicos. Nesse sentido, ao discutir as práticas pedagógicas e como elas podem auxiliar em soluções para o problema do bullying, desenvolve-se uma pesquisa de grande interesse social e abrangência.

A pesquisa classifica-se como do tipo exploratória e descritiva. Trivinos (1987), afirma que a pesquisa descritiva tem como objetivo que o investigador busque diferentes tipos de informação sobre aquilo que deseja pesquisar. É um tipo de estudo que irá descrever fatos e fenômenos de uma dada realidade e, portanto, permitirá compreender como diferentes profissionais da educação desenvolvem propostas pedagógicas que possam auxiliar o trabalho com respeito e a diferença, e dessa forma em combate ao grave problema do bullying.

Serão utilizados procedimentos como a pesquisa bibliográfica, esta que é definida por Fonseca (2002, p. 32) como aquela realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web, sites. Por isso é interessante que qualquer trabalho científico deve ser iniciado com uma pesquisa bibliográfica. Este passo inicial permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Conceito de “Bullying”

O *Bullying* é um problema que atinge instituições de ensino de todo mundo e de acordo com Fante (2005) é um problema tão antigo como as próprias escolas. Para o autor, porém, foi na década de 1970 que houve maior interesse sobre essa questão, interesse este que iniciou-se na Suécia e, posteriormente espalhou-se para os outros países. O termo “bullying” em si foi criado na Noruega, derivado da palavra inglesa “*bully*” que significa “valentão” e, portanto, se caracteriza

como uma prática de violência, em forma de agressão, ameaça ou intimidação de um aluno sobre outro que sofre perseguição, humilhação, intimidação, vivenciando a violência tanto física como psicológica.

O conceito de Fante (2005, p.29) é o de que o bullying caracteriza-se como um “comportamento cruel e intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais fracos em objeto de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”. Assim, é comum brincadeiras de mau gozo, apelidos maldosos, situações de humilhação, entre outras questões que irão caracterizar o bullying.

Silva (2010) caracteriza esse processo como aquele que envolve atos de violência (física ou não), que ocorre tanto de forma intencional como repetitiva. Já na perspectiva de Medeiros (2012), afirma que o bullying tem como característica uma relação desigual de poder, onde o agressor é alguém mais forte ou influente do que suas vítimas e utiliza essas características para exercer sua violência. Assim, o autor define o bullying como:

Uma atividade consciente, desejada e deliberadamente hostil orientada pelo objetivo de ferir, induzir o medo pela ameaça de futuras agressões e criar terror. Seja premeditada ou aleatória, óbvia ou sutil, praticada de forma evidente ou às escondidas, identificada facilmente ou mascarada em uma relação de aparente amizade, o “*bullying*” incluirá sempre três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de futura agressão. Quando o “*bullying*” se desenvolve e se torna ainda mais sério, um quarto elemento é adicionado; o terror (MEDEIROS, 2012, p.69).

É um conceito, portanto, bastante diversificado, mas que incide sobre a violência, seja ela física ou psicológica que um aluno exerce sobre o outro, sendo que este primeiro é consciente do mal que está fazendo e utiliza sua força, seja ela física ou psicológica para agredir outras pessoas que não possuem essa característica, causando-lhe diferentes tipos de males.

O Conceito apresentado por Passamani e Galuch (2016, p.01) é de que tanto o preconceito como o bullying “são formas de violência que têm chamado a atenção de educadores e da sociedade em geral, haja vista os episódios que, com frequência acontecem no ambiente escolar e fora dele”. Aquele que pratica o bullying tem desejo deliberado de maltratar o outro, de colocá-lo em estado de tensão.

Assim, o bullying caracteriza-se por um subconjunto de comportamentos agressivos, que não envolve apenas o aspecto físico em si, mas, intimidações, assédios, exclusão e discriminação

de diferentes formas. Sendo que para Fante (2002), o fator, repetição e desequilíbrio de poder é o que caracterizam e diferenciam esse tipo de violência de outras existentes.

Há de se apresentar, porém, a distinção entre bullying e preconceito, mesmo que este último seja um desencadeador do primeiro fenômeno. De acordo com Crochik (2015) o bullying tem relação direta com a oposição, ocorrendo, por isto entre os que são considerados mais fortes e os que são considerados como mais fracos, sendo uma forma mais grosseira de dominação do que aquela encontrada no preconceito. No caso do preconceito, o autor cita que:

Certamente, os alvos do preconceito podem ser hostilizados durante um longo período repetidamente e não ter condições de reagir; tal violência, no entanto, pode ser justificada pelos estereótipos ou mesmo por argumentos mais bem elaborados, ainda que irracionais; o bullying, no entanto, não precisa ser justificado, precisamente porque não pode ser; na marginalização e na segregação, podemos encontrar maneiras indiretas pelas quais o preconceito se revela, maneiras que não precisam se repetir, mesmo porque, por vezes, o alvo do preconceito pode incorporar o estereótipo proveniente dos movimentos coletivos que lhe são contrários; o alvo de discriminação proveniente do preconceito pode sentir vergonha de pertencer ao grupo que o faz ser alvo da violência; a vítima do bullying sente vergonha por não poder reagir (CROCHIK, 2015, p.19).

Para se compreender o que é o bullying, é preciso que o contexto em que vivem os alunos seja compreendido, as características e influenciam recebidas por todos eles, quem são os agressores, quem são as vítimas e assim definir formas de agir diante dessa situação altamente prejudicial a todos.

2.2 Características do Bullying

O bullying possui inúmeras características. De acordo com Fante (2005), o agressor tem desejo consciente e determinado de maltratar e colocar o outro indivíduo sobre tensão. Para ser considerada como bullying, a prática tem que ocorrer pelo menos três vezes ao no, envolvendo comportamentos hostis e diferentes tipos de atitudes que são agressivas e ocorrem repentinamente. Há nessa situação um desequilíbrio na relação de poder, violência, assédio, exclusão, discriminação, insulto, etc.

De acordo com Rodrigues *et al* (2000) duas características principais são importantes no processo de compreensão do bullying: o primeiro é a intencionalidade da ação por parte do agressor – “só se caracteriza como agressivo o ato que deliberadamente se propõem a infligir um

dano a alguém” (RODRIGUES et al, 2000, p.23). E o segundo é a possibilidade de que a agressão não seja física – assédio sexuais e apelidos com teor depreciativos –, mas podendo ser também, psicológica, levando o indivíduo à ansiedade, depressão, dentre outros problemas psicológicos.

Ainda de acordo com Fante (2005), as características físicas e psicológicas apresentadas por um indivíduo são utilizadas por outros como pressuposto para exercerem sua violência, levando-os a vivenciar situações de angústia, sofrimento e intimidação.

As vítimas do bullying, assim como os agressores podem ser classificadas de maneiras diferenciadas. De acordo com Silva (2010) podem ser vítimas passivas ou típicas, provocadoras ou vítimas-agressoras. São as vítimas passivas as mais comuns, especialmente aqueles alunos que possuem dificuldades de socializar-se com os colegas. A timidez, o fato de serem reservados e de não conseguirem reagir diante da violência sofrida também são características que precisam ser consideradas. Nas palavras de Silva (2010) as vítimas passivas:

normalmente são mais frágeis ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos; são “Caxias”, deficientes físicas; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha da vítima do bullying. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis. (SILVA, 2010, p. 38)

Há entre as vítimas um padrão de comportamento, mesmo que haja diferentes reações diante de um processo de agressão. Há vítimas que conseguem enfrentar o bullying e não se abatem com a violência, outras, porém, não conseguem vencer o impacto da violência sobre si, isolando-se e desenvolvendo problemas psicossociais, de aprendizagem, podendo também se tornar pessoas violentas, e levar tais problemas para toda vida. Porém, é preciso destacar que mesmo que possua um perfil de vítima, nem todos os indivíduos com tais características serão alvo da violência.

Segundo Fante (2002), na maioria das vezes, a vítima é alguém tímida e frágil, o que torna-se um alvo fácil para o agressor. As dificuldades de relacionamento da vítima fazem com que ela tenha poucos amigos e favores como diferença física, psicológica, racial, comportamental e cultural podem agravar, ainda mais a situação e a prática do bullying.

Já Fante (2002) relata a existência de três tipos de vítimas de bullying: as vítimas típicas, as vítimas provocadoras e as vítimas agressoras. No primeiro caso, vítimas típicas, os indivíduos são pessoas pouco sociáveis e que tem dificuldade de impor-se dentro do grupo. Por não revidar a violência é tratada como uma “presa fácil” para os vários tipos de abuso. Já a vítima provocadora, é, segundo o autor, aquela que provoca ou atrai reações agressivas, porém, não sabendo lidar com as mesmas, enquanto a vítima agressora é aquela que pelos maus tratos sofridos, acaba, também, se tornando agressiva.

Fante (2002) também apresenta as principais características dos agressores, afirmando que eles possuem comportamentos habituais no espaço escolar que permitem, facilmente identificá-los:

Os mesmos procedimentos interrogativos devem ocorrer em relação ao agressor. Entre seus comportamentos habituais: faz brincadeiras ou gozações, além de rir do modo desdenhoso e hostil? Colocar apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante, insulta, menospreza, ridiculariza, difama? ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dá socos, pontapés, beliscões, puxa os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos? Pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento? (FANTE, 2002, p.20).

Esses agressores normalmente são pessoas populares, seguidas por outros alunos, por isto consideram-se dominadores e fortes, impondo-se através dessa força, especialmente porque não possuem empatia. São pessoas que possuem dificuldades de seguir regras, não sabem lidar com o não, ou com perdas, não apresentando afetividade com as vítimas (FANTE, 2002).

Tanto as vítimas como os agressores e também aqueles que, indiretamente vivenciam o bullying acabam por sofrer suas consequências, havendo prejuízos em sua autoestima, rendimento escolar, fortalecendo aspectos de violência e até mesmo criminalidade entre os alunos. Por isto, é importante a atenção dos educadores, que podem ser os primeiros a identificar esse tipo de situação e a procurar formas de agir diante da mesma (SILVA, 2010).

Há de se considerar que o bullying acontece no mundo real, envolvendo vítimas que se conhecem e que quando não encontra barreiras, pode causar sérios danos aos envolvidos.

2.3 Tipos de Bullying

O bullying assim como conceituado, é caracterizado de diferentes formas por diferentes autores. Matos e Gonçalves (2009), por exemplo, afirmam que existem três tipos diferenciados de bullying: o físico ou direto, o psicológico e o indireto. No primeiro caso, há comportamentos como bater, empurrar, roubar, ameaçar ou desenvolver brincadeiras rudes e que intimidam; no bullying psicológico o agressor utiliza xingamentos, insultos, injúrias e ameaçadas contra o agredido e no bullying indireto, desenvolve-se situações de exclusão e rejeição de uma pessoa em determinado grupo, por isto, o mais difícil de ser caracterizado, pois, muitas vezes acontece de maneira muito sutil.

Os tipos de bullying de acordo com Silva (2010) diferenciam-se em relação a forma como são praticados. Há o bullying físico que envolve as práticas de agressão através da imposição de força física; o bullying moral, onde as agressões envolvem questões morais, sociais e particulares; o bullying psicológico onde as agressões têm como objetivo intervir ou controlar a forma de ser e de estar das vítimas; o bullying material que se caracteriza na destruição do patrimônio da vítima; verbal que ocorre em forma de palavras, seja oral ou escrita; bullying social que ocorre através de alienação total ou parcial do convívio social; bullying sexual que ocorre em forma de agressão de caráter sexual ou que envolve a sexualidade da vítima; o bullying preconceituoso, que respalda-se no gênero, etnia ou condição social da pessoa e o Cyberbullying, onde as agressões são realizadas em ambiente virtual.

Sobre o cyberbullying, Silva (2010) afirma que essa é considerada uma nova forma de agressão, sendo que seus praticantes utilizam a internet, tão presente na vida dos alunos, para ofender e diminuir o outro, constringendo e maltratando suas vítimas, o que acontece, especialmente porque a internet ainda é tida por muitas pessoas como uma terra sem leis. Rebouças (2010, p.43) afirmou:

É ridicularizar alunos, professores, amigos e desconhecidos perante a sociedade virtual. Pelo celular é praticado por meio de torpedos; na internet os praticantes de cyberbullying atuam via e-mail, blog, fotologs e redes sociais. A prática reúne ações de discriminação não identificadas, porém a legislação do crime da internet possibilita a quebra de sigilo de tráfego da internet e o praticante de cyberbullying pode ser descoberto.

É comum que o praticante do bullying seja alguém que possui pouca empatia e, que possui uma família desestruturada, tem dificuldade de socialização com outras pessoas, dentre outras características específicas.

2.4 Consequências do Bullying

O bullying pode gerar diferentes tipos de consequências na vida do aluno, tanto dentro como fora do ambiente escolar. É comum que ele tenha dificuldades de aprendizagem e já houve casos daqueles que cometeram suicídio por não suportarem tantas humilhações e maus tratos. Há ainda aqueles que tornam-se também violentos como forma de revidar as agressões (FANTE, 2002).

De acordo com Beaudoin (2006), o bullying age, especialmente no psicológico das vítimas, atingindo, dirigente suas emoções, o que faz com que seja ainda mais importante que pais e professores acompanhem os sinais apresentados por esses alunos. O autor ainda chama a atenção para o fato de que é comum que vítimas de bullying também se tornem violentas, como uma forma de enfrentar as agressões sofridas.

Há de se considerar ainda que os agressores também sofrem consequências dessa prática, pois se distanciam de outros colegas, não adaptam-se aos objetivos escolares, podem desenvolver condutas delituosas no futuro e ainda há aqueles que assistem as violências e que acabam consentindo com a mesma, pois nada fazem para impedi-las. Todos acabam sofrendo as consequências do bullying, daí a importância de combate ao mesmo.

Souza (2019) afirma que o bullying é um fenômeno social nocivo, que pode levar o aluno a carregar consigo transtornos comportamentais e sociais para o resto de suas vidas, tornando-se, até mesmo pessoas violentas. O autor cita ainda que há práticas que culminaram em mortes, pois há vários casos de pessoas que cometeram suicídios após serem alvo constante de tipos diferenciados de violência. Dificuldades de aprendizagem, isolamento, baixa autoestima, estresse, depressão, são várias das consequências geradas pelo bullying e que acabam interferindo na vida do aluno, dentro e fora da sala de aula.

2.5 Entendendo o Bullying na Escola e as contribuições das práticas pedagógicas ao seu combate

O bullying é um problema antigo, mas geralmente é entendido como um fato normal da idade dos alunos, e não como um problema mais sério dentro dessas instituições. Deve-se levar em consideração que grande parte das crianças já foi exposta à violência no dia a dia e nas diversas formas de relacionamento que desenvolvem, por isso é comum viverem sob estresse, opressão, intimidação, zombaria, perseguição, piadas, abusos, etc. prática. Porém, nem todas essas situações são consideradas bullying, pois muitas dessas brincadeiras acontecem ocasionalmente e são comuns em todas as faixas etárias, não afetam a autoestima das crianças e fazem parte do seu desenvolvimento e socialização. Nesse sentido, Fante (2005, p.28) apontou:

O Fenômeno Bullying caracteriza-se por um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, adotados por um ou mais alunos, causando dor, angústia e sofrimento, compromete a aprendizagem, com queda do rendimento, ausência, desinteresse e evasão escolar. A tendência é a vítima do Bullying repetir o fenômeno numa outra criança mais fraca.

Essa é uma prática auto afirmativa para provocar bullying e, considerando que o número de crianças e adolescentes enfrentando esse problema em todo o mundo está aumentando, sempre foi motivo de preocupação para pais, professores e psicólogos. Esse tema vem sendo cada vez mais discutido por famílias e especialistas, pois essas situações afetarão os resultados da educação e do desenvolvimento infantil, e se tornarão mais intensas e frequentes na segunda fase do ensino fundamental. Fante (2005, p.51) afirma que:

É importante que as autoridades da escola percebam estas situações e disponibilizem espaços para as crianças falarem das suas situações. Para modificar esta realidade é preciso trabalhar os valores humanos, a tolerância e a solidariedade, visando uma convivência passiva de aceitação às diferenças.

A violência no ambiente escolar é diagnosticada como bullying, objeto de diversas reflexões acadêmicas contemporâneas. Ela afeta diretamente o ambiente escolar, causa dificuldades de aprendizagem, afeta a autoestima e a autoconfiança dos alunos, pois se manifesta como comportamento doloroso ou intenção, constrangimento ou mesmo dor.

Fante (2005) afirma que a disseminação do bullying na mídia e em educadores pode promover o crescente interesse do Brasil pelo estudo desse fenômeno, sendo importante que a comunidade escolar entenda os resultados da pesquisa. No entanto, não existe uma solução simples para combater o bullying. Este é um problema complexo, com vários motivos. Portanto, cada escola deve desenvolver sua própria estratégia para reduzi-la e buscar medidas preventivas no esforço de chegar onde começa o berço familiar.

É no núcleo familiar que crianças e jovens podem obter seus padrões de comportamento externalizados. A falta de valores e o descaso com a educação dos pais são os principais motivos da degradação do ambiente familiar. Normalmente, os indivíduos que encontram esses problemas familiares são objetos e alvos da violência, ou muitas vezes os iniciadores da violência. Segundo Fante (2005, p.185), “a escola como as demais instituições de ensino tem por objetivo a socialização centrada no princípio de equidade, o que significa dizer que todos têm o mesmo direito”, e é papel do professor e de toda instituição escolar demonstrar aos alunos que eles são iguais, que as diferenças são algo normal e que precisam ser respeitadas, tanto dentro como fora da escola.

Para Lopes Neto e Monteiro Filho (2005), o bullying se manifesta de quatro formas diferentes: verbal, física, psicológica e sexual. Pesquisas mostram que grande parte dos alunos que sofreram bullying enfatizam a situação mais comum, que é a identificação de apelidos com propósitos maliciosos e humilhantes. Normalmente, a pessoa agredida é ameaçada, intimidada, isolada, ofendida, discriminada, agredida, apelidada e provocada.

Diante de tal quadro é importante que a escola se posicione diretamente diante dessas situações, buscando reconhecer o perfil desses alunos e agindo diante da ocorrência do bullying, este que é responsável por propagar preconceitos e violências diferenciadas no espaço escolar. E assim chama-se a atenção para as práticas pedagógicas e como estas podem servir de prevenção e ação diante dos casos de bullying. Souza (2019, p.05) afirma que “é neste ponto que a ação pedagógica deverá intervir. O profissional de educação deve estar preparado para estas peculiaridades nas escolas” e para isto, o professor precisa compreender o que é o bullying, como ele se manifesta e de que forma ele pode ser combatido.

Souza (2019) afirma que o tradicionalismo didático é muito questionado na atualidade, isto porque pode impedir que as diversidades sejam melhor valorizadas e atendidas, por isto a importância do processo de inovação, desenvolvendo atividades que sirvam de prevenção às

práticas de bullying, trabalhando com temas como respeito, tolerância e bons valores, essenciais na vida em sociedade e que podem fazer do ambiente escolar algo bom para todos.

Reichert (2008) afirma que é comum haver momentos de confraternização entre as turmas apenas em eventos esportivos ou festividades na escola, mas que serão interessante acrescentar outros eventos confraternizadores, onde seja trabalhado o respeito ao outro, fazendo dessas discussões algo recorrente em sala de aula, pois a violência não pode ser tratada como algo natural e comum ao espaço escolar ou a qualquer outra área da sociedade.

A participação da família precisa ser mais estimulada no ambiente escolar e no combate ao bullying ela se mostra essencial, pois os pais precisam saber o que os filhos passam e o que os filhos sofrem, para poder auxiliá-los a vencer ambas as situações, tanto as que são violentos, como as que sofrem violência.

Souza (2019) fala da criação de mecanismos de expressão na escola, estes que abrem a possibilidade de que nenhum aluno se sinta inibido no espaço escolar, podendo expressar seus sentimentos e como se sente nesse ambiente. Ao dar voz ao aluno, mesmo que de maneira anônima, o professor abre possibilidades de compreender melhor seu olhar sobre o meio em que ele vive, e podendo desenvolver outras ações que venham a combater qualquer tipo de situação que traga malefícios a esses alunos. Ainda é proposta do autor:

Uma escola é feita também de comunidade. É extremamente necessário que a comunidade abrace, sinta-se parte da escola, dos eventos, do cuidado de modo geral, dos seus alunos. A escola pode e tem ferramentas suficientes para conseguir uma comunidade atuante e presente. Desta forma, problemas como o bullying fora da escola, mas que possuem sua origem nela, podem ser estancados com mais eficiência (SOUZA, 2019, p.08).

A participação da família precisa ser mais estimulada no ambiente escolar e no combate ao bullying ela se mostra essencial, pois os pais precisam saber o que os filhos passam e o que os filhos sofrem, para poder auxiliá-los a vencer ambas as situações, tanto as que são violentos, como as que sofrem violência.

Chalita (2008) afirma que estabelecer vínculos duradouros entre escola e comunidade não é algo simples, nem rápido, mas os efeitos do bullying são destrutivos, por isto, é preciso buscar soluções e situações práticas, de resultado rápido em sala de aula e citar a possibilidade

de uso de filmes, literaturas, trabalhos em grupo, rodas de discussão, dentre outras estratégias pedagógicas que podem ter efeito positivo diante da situação de bullying na escola.

No caso específico do cyberbullying, Tognetta e Vinha (2008) propõe que hajam mais estudos sobre o caso, porque em muitos momentos, ele se mostra mais nocivo do que o bullying físico. É preciso gerar interdisciplinaridade, assim como promover novas pesquisas na área, como maneira de buscar metodologias e práticas de ensino que sejam mais eficientes diante de tal situação.

Amaral (2018) sugere que os professores utilizem-se de diferentes metodologias para trabalhar com a questão do bullying, citando o uso de palestras, filmes, vídeos, jogos, rodas de conversa, dentre outros que podem levar o tema a discussão coletiva, influenciando novas atividades e reflexões entre alunos e famílias.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying é um fenômeno comum nas instituições de ensino, porém, que não pode ser tratado com normalidade, uma vez que precisa ser prevenido e combatido, o que exige a mudança de comportamento dos alunos, envolvimento do corpo escolar, da família e da comunidade, pois é preciso um trabalho coletivo em torno da questão, de forma que esse problema deixe de existir no espaço escolar e gerar consequências negativas para a vida dos alunos.

O bullying possui características específicas, principalmente da intencionalidade e continuidade das agressões, que podem ser tanto físicas como verbais e que, por isto, geram, também, consequências diferenciadas entre os alunos, o que pode ser tratado como um simples conflito para alguns, mas para outros ser algo tão grave a ponto de afetarem todas suas rotinas e os levarem até mesmo a cometer um suicídio. Tal situação demonstra que é preciso que famílias e escolas estejam atentos a prática do bullying, pois ele afeta não apenas quem sofre a violência, mas também aqueles que a praticam e os que estão ao redor desses indivíduos.

O professor por ser aquele que convive diretamente com alunos e famílias tem papel preponderante nesse processo, pois ele precisa intervir em situações de bullying e não apenas quando elas já estão ocorrendo, mas desenvolvendo práticas pedagógicas e metodológicas que venham a servir de prevenção ao bullying, trabalhando com questões como respeito, tolerância,

diversidade, buscando apoio das familiares e criando um ambiente escolar de qualidade para todos os alunos, independentemente de suas características.

A criação de práticas pedagógicas preocupadas com as relações existentes entre os alunos, que permite o diálogo, que favorece a democracia, que leva a construção de bons valores favorece a prevenção e o combate ao bullying, dando origem a uma escola e a uma educação de maior qualidade, preocupada com todos os alunos, com sua formação, desenvolvimento, aprendizagem e bem-estar.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Samantha Daniela Souza. **Intervenção pedagógica sobre o bullying no ambiente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Faculdade Verde Norte (FAVENORTE), Licenciatura em Pedagogia. Mato Verde, Julho, 2018.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, 1996.

FANTE, Cléo. Fenômeno Bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Ed. Veru. 1 ed; 2005.

FANTE, Cleonice Aparecida Zonato. **Estudos realizados em uma escola da Rede Pública em São José do Rio Preto**. São José do Rio Preto-SP: 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LOPES NETO, A. A; SAAVEDRA, L. H. **Digo não para o Bullying**: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRÁPIA. 2003.

MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Sonia M. Pedroso. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia**. Saúde e Doenças, 2009, p.3-15.

MEDEIROS, Alexandre Vinícius Malmann. **O fenômeno bullying: (in) definições do termo e suas possibilidades**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2012.

PASSAMANI, Eliana Pauleski; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. **Alternativas didático pedagógicas para prevenção do preconceito e bullying na escola**. 2016. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_elianapauleskipassamani.pdf>. Acesso em 01 de janeiro de 2022.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

REICHERT, Evânia Aster. Período de Estruturação: dos seis aos doze anos de idade. In: _____. **Infância, a idade sagrada: anos sensíveis em que nascem as virtudes e os vícios humanos**. Porto Alegre: Vale do Ser, 2008.

RODRIGUES A. et al. **Psicologia social**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2010.

_____. **Bullying Mentis Perigosas nas Escolas**. 1ª edição. Rio de Janeiro RJ: Editora Fontanar, 2010.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying: quando a escola não é um paraíso**. 2016. Disponível em <<http://www.mundojovem.pucrs.br/bullying.php>>. Acesso em 18 de dezembro de 2021.

SOUZA, Ana Lúcia Alves de; SANTOS, Letícia Cristina Ribeiro dos; NOVAES, Edmarcius Carvalho. **O bullying escolar e as práticas pedagógicas: reflexões para a prevenção**. 2019. Disponível em <https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/09/PEDAGOGIA-2017_1-O-BULLYING-ESCOLA-E-AS-PRATICAS-PEGOGICAS-REFLEXOES-PARA-A-PREVEN%C3%87%C3%83O.-ANA-LUCIA-LETICIA.pdf>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

TOGNETTA, L.; VINHA, T. Estamos em conflito: Eu, Comigo e com Você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J. L.; DANI, L. S. C. (Orgs.). **Escola, conflitos e violência**. Santa Maria: UFSM, 2008, p. 199-246.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.